

# Incra acusado de apoiar invasões

O superintendente do órgão no DF e Entorno, José Angelino Barbosa, nega a participação de funcionários

JOSEMAR GONÇALVES

Um ruralista da região do Entorno, que prefere não ser identificado, passou há um mês pela experiência de ter a sua fazenda ocupada, mas conseguiu recuperá-la dez dias depois. "Os invasores mataram 30 vacas e roubaram tratores. Só consegui resolver o problema conversando com os sem-terra e blefando muito. Eu disse que a fazenda estava cercada de capangas e que a polícia iria entrar, mas era tudo blefe", disse ele. Depois disso, segundo o fazendeiro, os sem-terra concordaram em sair.

"Não tenho nada contra os sem-terra. Os responsáveis por esse movimento estão nos palácios de Brasília, jantando em restaurantes chiques. São eles que incentivam as invasões", acusa.

Funcionários do Incra "li-

gados ao MST", segundo esse ruralista, estariam incentivando as invasões e pressionando os proprietários a venderem as terras. O superintendente do Incra no DF e no Entorno, José Angelino Barbosa, rebate essas acusações.

"Ninguém do Incra estimula invasões. O nosso papel é evitar conflitos, dialogando com todas as partes. Somos técnicos e não temos ligação com o MST", afirma ele. "O que pode acontecer é algum corretor inescrupuloso pressionar os fazendeiros incautos a venderem as suas terras", acrescenta ele.

A ajuda que o Incra dá aos sem-terra, segundo Barbosa, é apenas humanitária. "Por determinação do governo federal, todas as famílias acampadas estão recebendo cestas básicas", explica.

## Polícia goiana criticada

A polícia goiana também é alvo das críticas dos fazendeiros. Eles dizem que a Comissão de Gerenciamento de Crises, formada pelo governo goiano, não estaria cumprindo os mandados de reintegração de posse.

Mas o assessor de imprensa da Secretaria de Segurança de Goiás, Afonso Lopes, informa que nenhuma reintegração deixou de ser feita no estado. No caso da fazenda Santa Felicidade, conforme explica ele, a polícia não pode fazer nada, porque o assunto está sub judice.

"Estamos agindo, mas nenhum empresário deve esperar pancadas nos sem-terra. Todas as desocupações são pacíficas", ressalta Afonso Lopes.

A assessoria da Embrapa garante que a empresa, acusada pelos fazendeiros de colaborar com as invasões, não faz nenhum trabalho dentro de áreas ocupadas irregularmente.

De acordo com a assessoria, é o Sinpaf – sindicato dos funcionários da Embrapa – que vem distribuindo sementes nos acampamentos.



Faixa da Coopersanta na porta da Santa Felicidade: grupo espera decisão judicial para tomar posse da fazenda invadida pelo MST

## Ruralista aponta distorção

O engenheiro José Roberto Nogueira Dias, presidente do Sindicato dos Criadores do DF e do Conselho Fiscal do Sindicato Rural, avalia que a situação no Entorno é preocupante.

"A distorção fundiária no País está sendo usada por grupos radicais, trotskistas, revolucionários e sem constituição legal. Alguns movi-

mentos de sem-terra podem ser chamados de Forças Armadas Revolucionárias Brasileiras, ou *Farbs*", diz ele.

O objetivo das invasões, na avaliação de Nogueira, é o de fomentar a luta de classes para facilitar uma revolução socialista.

"As *Farbs* não respeitam a democracia nem a lei. Elas usam o figurino do sovieta

bolchevista, que destruiu o sistema produtivo rural da Rússia e matou 20 milhões de produtores", ressalta. "Além de criminoso, esse modelo é comprovadamente ineficaz para a geração de alimentos, riquezas e bem-estar social", acrescenta.

O governo federal, lamenta ele, "endossa ativamente, de boné vermelho na cabeça", as

ações do MST. "Já assistimos a esse filme antes, quando Getúlio Vargas errou a dosagem do populismo e perdeu o controle da gestão do Estado", diz, lembrando também o discurso em que o presidente João Goulart, poucos dias antes de ser deposto pelos militares em 1964, prometeu fazer a reforma agrária "na lei ou na marra".